



BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; PIMENTA, Ricardo Medeiros; SALDANHA, Gustavo Silva. *iKRITIKA: Estudos críticos em informação*. 1a ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2019. 252 p.

Rodrigo Moreno Marques*

“O espectro da teoria crítica ronda a Ciência da Informação”
(BEZERRA, 2019, p. 60)

A história da Ciência da Informação revela que, ao longo da sua constituição, esse campo tem sido marcado por duas correntes antagônicas. Uma corrente representa a vertente de viés funcionalista derivada da perspectiva positivista, de acentuada natureza operacional, voltada para otimização de produtos e instrumentalização de processos. A outra corrente, em diferente direção, advoga o pensamento crítico (ARAÚJO, 2013).

É na segunda linha que se posicionam os autores do livro intitulado *iKRITIKA: Estudos Críticos em Informação*, Arthur Coelho Bezerra, Marco Schneider, Ricardo Medeiros Pimenta e Gustavo Silva Saldanha, professores e pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), que é originado de convênio entre o IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) e a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A obra chega em um trágico momento da história moderna, quando o irracionalismo, o negacionismo e o fundamentalismo religioso passam a dominar espaços antes ocupados pela ciência, especialmente no Brasil. Essa preocupante constatação nos traz à mente os piores momentos da idade das trevas.

O conteúdo do livro nos ajuda a enfrentar uma dura realidade, ainda não reconhecida por toda a comunidade da Ciência da Informação, mas que precisa ser encarada de frente. A ideia de *sociedade da informação*, que conquistou mentes e corações há alguns anos, não caracteriza, nem mesmo minimamente, o mundo em que vivemos atualmente. Ainda que seja doloroso, é importante dizer que, na melhor das hipóteses, aquele sonho idílico está, por ora, adiado.

Os discursos ingenuamente otimistas que descreviam a Internet como um instrumento a serviço da emancipação humana foram vítimas das armadilhas do determinismo tecnológico. Os autores que ignoraram o caráter dialético imanente a qualquer tecnologia incorreram em grave equívoco. Parafraseando David Noble (2011), podemos afirmar que a utopia digital da sociedade da informação representou

* Doutor em Ciência da Informação pela Escola de Ciência da Informação da UFMG. Endereço profissional: Endereço: Escola de Ciência da Informação da UFMG, Departamento de Teoria e Gestão da Informação. Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha, CEP 31270901, Belo Horizonte (MG). Email: rodrigomorenomarques@yahoo.com.br.

uma visão empobrecida da noção de progresso iluminista que alimentou a fé em falsas promessas futuristas e extravagantes.

Vivemos hoje em uma sociedade na qual a desinformação aparenta superar a informação. A internet e suas aplicações se tornam instrumentos voltados à instituição de necropolíticas (MBEMBE, 2018), que agravam a tragédia da atual pandemia global.

Percebe-se, portanto, que a noção de sociedade da informação se desmancha no ar tal qual nos descreve Zygmunt Bauman em sua análise da modernidade líquida. Curiosamente, embora a ideia de modernidade líquida esteja ganhando espaço nas ciências humanas em geral e da Ciência da Informação em particular, nem todos se dão conta que as palavras de Bauman são ecos do *Manifesto Comunista* de 1848: “Tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar” (MARX, ENGELS, 2010, p. 43).

Obviamente, não chegamos ao fim da história como pretendeu Francis Fukuyama. O materialismo histórico e a perspectiva dialética que o fundamenta nos ensinam que a realidade é fruto de processos históricos em permanente transformação. Nossos esforços devem estar direcionados para apreender os elementos que contribuem para dar forma à realidade, mas devemos buscar também os elementos que apontam para a emergência do novo, ou seja, que podem ser os germes de novas transformações. É preciso analisar as contradições (os conflitos, mais do que as harmonias) no curso da história, pois elas desempenham importante papel nos processos de transformação social.

Feito esse preâmbulo, passemos ao denso conteúdo do livro *iKRITIKA: Estudos Críticos em Informação*. Antes, uma breve ressalva: discutir os vários temas e questões que os autores problematizam em seus respectivos capítulos é impossível dentro dos limites de uma resenha. Portanto, esse resenhista se vê na difícil tarefa de apresentar alguns destaques da obra entre muitos que poderiam ser elencados. Assim, sigamos a trilha dos autores na sequência dos capítulos do livro.

As reflexões de Arthur Coelho Bezerra são expostas em três etapas. Na primeira etapa, de natureza teórica, o autor discute os fundamentos da teoria crítica da Escola de Frankfurt, contrapondo-os à teoria matemática da comunicação de Claude Shannon e Warren Weaver. Na segunda etapa, de caráter metodológico, os conceitos de regime de informação de Bernd Frohmann e de Maria Nélide González de Gómez são tomados como chaves analíticas para discutir a estrutura do ecossistema informacional contemporâneo, suas tensões e contradições. No terceiro momento de sua exposição, partindo do debate sobre competência em informação desenvolvido na Ciência da Informação, o autor apresenta o conceito de *competência crítica em informação*, voltado para a práxis transformadora. Da relação dialética entre teoria e prática, são apontadas as condições de emancipação necessárias para a emergência de novas formas sociais de vida.

No campo empírico, são problematizados temas como vigilância digital, privacidade, filtragem algorítmica, bolhas de filtros, *big data*, entre outros. Em sua análise, o autor mobiliza um rico marco teórico, que inclui o resgate dos princípios da totalidade, da historicidade e da tensionalidade, de Max Horkheimer, também recuperados por Ana Maria Pereira Cardoso, quando da proposição dos estudos da Informação Social.

Em brevíssima síntese, Bezerra constrói uma teoria crítica da informação que segue os passos teóricos e metodológicos da teoria crítica e busca adaptá-los ao campo dos estudos informacionais, por meio da articulação dos conceitos de regime de informação e competência crítica em informação. O autor destaca o caráter transcendente do pensamento crítico e, nesse sentido, não se contenta em apenas

apreender o mundo tal como ele é, buscando também vislumbrar outro mundo possível, identificar os obstáculos para sua edificação e propor caminhos para superá-los.

No segundo capítulo do livro, Marco Schneider adota uma perspectiva crítica fundamentada em quatro pilares: o questionamento da relação entre aparência e ser que funda o campo da filosofia, a dúvida sistemática como princípio cartesiano, a filosofia crítica de Immanuel Kant e a ontologia do ser social, que György Lukács extrai dos textos de Karl Marx.

Schneider problematiza o elemento ético informacional que subjaz ao fenômeno da pós-verdade. Discute uma nova modalidade de um velho fenômeno socioinformacional, ou seja, o fato de que, na formação da opinião pública, as crenças infundadas exercem maior influência do que as evidências e os argumentos racionais. A especificidade da pós-verdade, explica o autor, reside no papel das redes sociais digitais, por onde circulam *fake news*, isto é, falsas informações disfarçadas de jornalísticas, massivamente disseminadas com o objetivo de favorecer determinados grupos de poder.

No rol de teorias adotadas para analisar esse tema, Schneider articula a noção de dominação simbólica de Pierre Bourdieu com algumas ideias centrais do arcabouço marxista, como alienação, ideologia, fetichismo e reificação. O autor discute também, de maneira bastante pertinente, a noção de *verdade*, antiga esfinge que nos desafia. Ao fazê-lo, Schneider tece importantes reflexões sobre o pensamento pós-modernista. Se por um lado, essa corrente tem o mérito de questionar manifestações arbitrárias e etnocêntricas da epistemologia iluminista, por outro lado, os pós-modernistas recusam as grandes narrativas universais modernas e aderem a uma ética, a uma política e a uma epistemologia de caráter pluralista. Nesse sentido, o pensamento pós-moderno abandona a possibilidade de reconhecer racionalmente verdades universais e acaba por se revelar um instrumento frágil para enfrentar a pós-verdade.

Depois desse instigante diagnóstico, o autor propõe combater a pós-verdade por meio da noção de *competência crítica em informação em sete níveis*, que abarca os níveis da concentração, instrumental, do gosto, da relevância, da credibilidade, da ética e da crítica. Schneider acertadamente evita um equívoco, frequente na Ciência da Informação, que é cometido por aqueles que ignoraram o caráter dialético da mediação da informação. Segundo o autor, a informação, se tomada como elemento mediador entre a verdade e a compreensão, é ativação da potência da linguagem, que pode nos conduzir ao esclarecimento, mas também à mistificação, podendo abrir portas para liberdade, mas também para a opressão.

No terceiro capítulo do livro, Ricardo Medeiros Pimenta defende que, na atualidade, estamos diante da emergência de um *regime de visibilidade informacional* ou, em outras palavras, um regime sociotécnico de informação marcado por uma visibilidade informacional, que sugere a quebra do paradigma moderno.

O autor destaca que a intermediação entre indivíduo e informação, que outrora era responsabilidade de um indivíduo especializado, agora está a cargo das interfaces tecnológicas. Surge, portanto, uma “intermediação invisível”, implementada por coletivos empresariais, de mercado, políticos e massas de trabalhadores/produtores e consumidores de informação. Assim, o autor desconstrói a falácia da desintermediação ao apontar que o domínio da técnica de produção de *formas* se torna, cada vez mais, mediado por recursos computacionais, pela tecnologia digital e pela Internet. Pimenta emprega as reflexões de Vilém Flusser e Paul Virilio para

argumentar que o design se tornou um canal técnico para a *forma*, portanto, um espaço político. Ao associar a técnica com a produção de formas, o autor destaca que o modo como produzimos, acessamos e recuperamos a informação, assim como o modo como reconhecemos e legitimamos o conhecimento, foram sequestrados pela ditadura da forma.

Pimenta adota o conceito flusseriano de *forma* em interlocução com a noção de *modo de informação* de Mark Poster para colocar em questão não apenas o aparato sensorial do sujeito cognoscente, mas sua própria subjetividade, ou seja, sua relação com o mundo material, sua perspectiva sobre esse mundo e sua inserção nele. O resultado dessa análise é inquietante, pois revela que o meio técnico produz simulacros de nós mesmos e, ao mesmo tempo, nos impede de assumir a gerência sobre eles.

Na construção de seus argumentos, Ricardo Pimenta incorpora reflexões de autores como Gilles Lipovetsky, Jean Baudrillard, Gilles Deleuze, bem como de autores consagrados no campo da Ciência da Informação como Maria Nélide González de Gómez, Rafael Capurro e Milton Santos, entre outros. Nesse percurso, somos convidados a buscar uma “linha de fuga” que possa nos salvar do fluxo tecnoinformacional e comunicacional que nos tragou e submergiu.

Por fim, Pimenta discute as consequências da cultura de visibilidade informacional no campo da ciência e, em especial, na arena das Humanidades Digitais, onde diagnostica uma crise metodológica e epistemológica.

No quarto capítulo do livro, Gustavo Silva Saldanha nos apresenta um vasto estudo sobre a presença do pensamento crítico na Ciência da Informação. Em sua investigação, o autor nos traz também contribuições de abordagens críticas anteriores à fundação do campo, num esforço que pode ser chamado de biblioarqueológico.

Nos termos do autor, sua pesquisa foi construída com base em “critérios da pesquisa bibliográfica no bojo dos discursos metateóricos e historiográficos do campo, da epistemologia histórica e da geografia conceitual”. A noção de teoria crítica empregada por Saldanha coloca foco na filosofia da emancipação, que tem origem na teoria social, e enfatiza “as condicionantes do poder como forma de dominação social em sua dialética com a exploração”.

Nesse percurso por diversas manifestações do pensamento crítico na Ciência da Informação, Saldanha aborda temas, como, por exemplo: a teoria barroca da organização do conhecimento, de Emanuele Tesauro; os sistemas bibliográficos, de Gabriel Peignot; o neopositivismo que ganhou força na bibliometria; a biblioteca popular, de Eugène Morel; a bibliopsicologia, de Nicolas Roubakine; a Biblioteconomia de ordem erudita e bibliófila, que estabelece interlocuções com os estudos filológicos; no campo da Bibliografia, a vertente retórico-filológica, pragmatista, e a vertente documentalista, representacionista; a prática transcendental via *digvijaiá*, de Ranganathan; a epistemologia social, de Jesse Hauk Shera; o horizonte simbólico da organização ordinária dos saberes socialmente oprimidos; e, no campo da epistemologia histórica, o espelho de Elena Savova.

Em suma, a obra coletiva *iKRITIKA: Estudos críticos em informação* nos apresenta um instigante e complexo mosaico que destaca a força do pensamento crítico no campo da Ciência da Informação. Arthur Bezerra, Marco Schneider, Ricardo Pimenta e Gustavo Saldanha não se contentam em revelar a essência oculta nas manifestações fenomênicas da realidade, pois o horizonte desses autores é mais ousado. O que eles buscam é a transcendência da realidade.

As palavras de Leandro Konder (1998) nos servem de síntese. O pensamento crítico é fundamentalmente contestador. Diante dele, comodistas perdem a tranquilidade, preconceituosos se veem assustados, pragmáticos e utilitaristas ficam desagradavelmente perturbados. O pensamento crítico é semente de dragões.

Artigo recebido em 02/02/2020 e aprovado em 14/04/2020.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, C. A. A. Manifestações (e ausências) de pensamento crítico na ciência da informação. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 27, n. 2, p. 9-30, 2013.

KONDER, L. **O que é a dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: N-1 edições, 2018.

NOBLE, D. F. **Forces of production: a social history of industrial automation**. New Jersey: Transaction Publishers, 2011.